

VISITANDO CORPOS: O TRADE TURÍSTICO E A ECONOMIA SIMBÓLICA DO “TURISMO SEXUAL” NA CIDADE DE GOIÁS (2011-2014)

Clovis Carvalho Britto ¹
Manuella Nogueira Rodrigues ²

Resumo: Este trabalho investiga algumas faces da economia simbólica do “turismo sexual” na cidade de Goiás durante os anos de 2011 e 2014. Pautado nos referenciais teórico-metodológicos de Pierre Bourdieu aproxima cultura e afeto, ócio e negócio, com vistas a descortinar as implicações em torno do “turismo sexual” a partir de pesquisas bibliográficas, entrevistas e etnografia durante alguns dos principais eventos turísticos do estado de Goiás, realizados na cidade de Goiás: Carnaval, Semana Santa e Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental. Aproximando sexo, turismo e deslocamento, apresenta questões epistemológicas a respeito de uma prática silenciosa que extrapola a prostituição. Nosso intuito neste primeiro momento foi observar como gestores e integrantes do *trade* turístico local problematizam o turismo sexual a partir da noção de consumo simbólico ou consumo da experiência. Observamos em que medida o turismo nos períodos de eventos em Goiás tornou-se campo para a realização de fantasias sexuais e afetivas e de que modo os envolvidos controlam suas ações e representações com vistas à manipulação de artifícios em um jogo lucrativo em que agentes e instituições se digladiam na batalha por capital simbólico e econômico.

Palavras-chave: Turismo sexual. Economia simbólica. Cidade de Goiás.

Introdução

O “turismo sexual” é uma prática que vem ganhando a cada ano mais adeptos nas cidades brasileiras de maior fluxo na rede de economia simbólica. De múltiplos aspectos, acontece de modo velado, configurando um campo em que agentes se estruturam em busca de correlacionar lucros simbólicos e prazer. De acordo com Helton Ouriques (2005), a evidência mais contundente que demonstra a reedição do colonialismo nos contornos da expansão do turismo na periferia do capitalismo consiste na associação do turismo com o sexo. Conforme destaca, embora seja possível distinguir o turismo de romance do “turismo sexual” a diferença entre ambos é tênue.

¹ Pós-Doutor em Estudos Culturais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília. Professor na Universidade Federal de Sergipe. E-mail: clovisbritto5@hotmail.com

² Graduada em Tecnologia de Gestão em Turismo pela Universidade Estadual de Goiás. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do CNPQ. E-mail: manunogue_@hotmail.com

Segundo analisou em diferentes países da periferia do capitalismo, crianças, mulheres e homens constituem em espécie de “recurso prazeroso” da colonização turística, em outras palavras, importando turistas, o sexo se torna em produto de exportação consumido localmente. Assim como a sexualidade propriamente dita, o “turismo sexual” não existe no vazio, mas em um conjunto de estruturas sociais e, a cada dia, vem sendo mediada e explorada pelo mercado, sendo essa a explicação de alguns estudiosos para o surgimento do que se convencionou designar de “turismo sexual”.

Conforme destacou Emerson Silveira (2007), o desafio crescente é compreender culturalmente esse comportamento, evitando sua redução a aspectos meramente econômicos. É verdade que não se pode reduzir tal prática apenas a questões relativas a desigualdades sociais ou a partir de análises que supervalorizem os aspectos da economia tradicional.

O que propomos é esboçar alguns aspectos desse tipo de turismo a partir do que atualmente se convencional de economia simbólica, a interrelação de ócio e negócio, economia e cultura, dinâmica que a cada dia revela uma crescente industrialização e digitalização do simbólico gerando hierarquizações e novas problematizações.

Se a maioria das pesquisas desenvolvidas sobre o tema avalia as interconexões entre economia e símbolo por meio do diálogo entre turismo e sexo nas cidades litorâneas ou nas grandes cidades brasileiras, compete atentarmos para o modo em que tal dinâmica é configurada em cidades pequenas no interior brasileiro e que sobrevivem sobremaneira da atividade turística a exemplo de algumas cidades históricas de Minas Gerais e de Goiás. Nossas observações informais em períodos de alta temporada e em eventos considerados tradicionais revelaram a existência do “turismo sexual” em escala reduzida (se comparada a das grandes cidades), além de uma configuração específica, já que no microcosmo tais práticas exigem uma maior discricção e habilidade tanto com relação aos moradores, quanto em relação aos próprios responsáveis por fomentar tal agência. Nesse sentido, tornou-se evidente que nessas cidades o “turismo sexual” acontece de modo mais esporádico, coexistindo com outros tipos de turismo. Assim, pousadas e hotéis mesclam os públicos e, na rede de economia simbólica, o sexo consiste em capital simbólico importante, embora não único. Por isso mesmo, essas práticas não são explicitadas em sites, jornais ou outras formas como acontece em grandes cidades.

Nesse aspecto, a trama se complexifica a ponto de suscitar dúvida em muitos dos moradores sobre a existência de tal atividade. A relação entre turismo e sexo é manipulada com vistas a produzir uma crença em sua inexistência, tornando-se uma ação tida por invisível ou visível apenas entre os agentes envolvidos diretamente em sua configuração.

Desse modo, nosso intuito é visualizar como o “turismo sexual” é configurado nesse contexto, já que a hipótese central é que em cidades turísticas interioranas ele se apresenta com outras facetas. Não sem motivos, elegemos como estudo de caso o Carnaval, a Semana Santa e o Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental durante os anos de 2011 e 2014, eventos que atraem inúmeros turistas do Brasil e do exterior para a cidade de Goiás, antiga capital do estado de Goiás, cidade reconhecida como Patrimônio Mundial pela UNESCO e tradicional roteiro turístico brasileiro.

Acreditamos que o estudo dessa rede de econômica simbólica contribuirá como uma espécie de microcosmo que embora dialogue com questões macro, reincidentes em outras cidades brasileiras, propiciará relevantes problematizações na medida em que revelará a plasticidade dos agentes ao se adaptar a diferentes contextos socioculturais.

Na verdade, nosso intuito, além de problematizar a categoria “turismo sexual”, consiste em compreender quem são agentes dessa prática realizada por “gringos”, por turistas de outros estados e cidades brasileiras. Também, conforme já assinalamos anteriormente, investigar a configuração dessa prática em uma cidade de pequeno porte, distante da costa brasileira, no interior de Goiás. A escolha da cidade de Goiás, para além da representatividade que alcança em nível nacional e internacional, se justifica na medida em que um dos estados que mais “oferece” mulheres para o tráfico internacional é o de Goiás, conforme podemos observar em matérias de jornal e alguns estudos acadêmicos. Prova disso é o trabalho de Mônica de Melo e Leticia Massula (2011) ao estudar o tráfico de mulheres brasileiras, prevenção, punição e proteção, se pautando nos dados da Pesquisa Nacional sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para fins de Exploração Sexual Comercial realizada entre os anos de 2001 e 2002, que identificou, no Brasil, 241 rotas de tráfico, sendo 131 internacionais, 78 interestaduais e 32 intermunicipais.

Em suas análises traz um importante dado para nossa pesquisa: “De acordo com as Nações Unidas, o Brasil é hoje o maior ‘exportador’ de mulheres escravas da

América do Sul. Segundo o governo brasileiro, há uma estimativa de que a maioria das mulheres nessa situação vem, pela ordem, de Goiás, Rio de Janeiro e São Paulo” (p. 2). Embora os dados oficiais confirmem o estado de Goiás como um dos maiores “exportadores” de mulheres para o tráfico internacional, ainda são escassos os estudos que evidenciem o “turismo sexual” em suas cidades turísticas como Rio Quente, Caldas Novas, Pirenópolis e na cidade de Goiás, por exemplo.

Todavia, para além da discussão do tráfico de mulheres e da exploração infantil, centraremos nossa investigação nas práticas sexuais entre turistas e mulheres adultas que residem em Goiás. Embora saibamos a importância de visualizar as expectativas e reelaborações do capital simbólico em torno do campo do turismo e da prática sexual a partir das falas de turistas e mulheres, e que também a prática ocorre entre mulheres turistas e homens nativos, além das relações homo afetivas, optamos neste primeiro momento por investigar tais percepções entre alguns agentes que integram o *trade* turístico: conjunto de equipamentos da superestrutura constituintes do produto turístico ou, em outras palavras, organizações privadas e governamentais atuantes no setor de "Turismo e Eventos".

Nesse aspecto, o presente artigo não destaca as experiências narradas por turistas ou a opinião dos moradores, mas investiga por meio de entrevistas e observação as representações da população local, representada pelos gestores turísticos municipais, guias de turismo e proprietários de hotéis, pousadas e restaurantes a respeito da temática. Desse modo, além de compreender como tais agentes contribuem para uma maior/menor diluição dessas práticas, realizamos um esboço de como o “turismo sexual” se insinua na cidade de Goiás.

Nesses termos, uma das adoções metodológicas será a definição de tipologias de “turistas sexuais” e, nesse aspecto, nos pautaremos nas observações de Ana Silva e Thaddeus Blanchette (2005) quando definiram o “turista sexual” acidental (sua prática é força das circunstâncias e não fruto de um plano ou objetivo final da viagem); e o turista sexual assumido (que gasta tempo e dinheiro à procura de novas aventuras sexuais).

Também é necessário considerar a heterogeneidade de motivações que turistas e nativas têm para confluir turismo e sexo. Nesse aspecto, a técnica etnográfica nos eventos predeterminados do calendário turístico da cidade de Goiás e em entidades e empresas relacionadas à gestão turísticas serão fundamentais. Nessa perspectiva, a entrevista semiaberta será a principal técnica empregada com

vistas a captar as tensões e silenciamentos que envolvem a economia de símbolos do turismo sexual no campo cultural goiano.

Para tanto, foi fundamental assegurar o anonimato dos informantes, acionados a partir do método conhecido como cadeia de informantes ou bola de neve, pautado na seleção de entrevistados a partir da indicação sucessiva de outros entrevistados, por se tratar de uma temática relacionada à memória subterrânea da cidade e do campo turístico. Segundo Michel Pollack (1989) a memória subterrânea opõe-se à instituída como oficial e “prossegue seu trabalho de subversão no silêncio” (p. 4).

Nesse aspecto, optamos por compreender o campo do turismo como um espaço de lutas simbólicas em prol de prestígio e a configuração de uma rede em que se aproximam economia e cultura. Por ser um tema relativamente recente e por manipular uma série de categorias caras à gestão do turismo, como ética, planejamento, marketing, atrativos etc., acreditamos ser imprescindível atentarmos para essa realidade, contribuindo para a definição de alguns caminhos iniciais para a compreensão teórico-metodológica deste objeto e para uma melhor visualização de suas especificidades.

“Turismo Sexual”, prática subterrânea?

Esboçar alguns aspectos da economia simbólica do “turismo sexual” consiste em importante subsídio não apenas para gestores e agentes responsáveis pela infraestrutura e controle turísticos, mas para a instituição de discussões teórico-metodológicas relativas à temática cara a disciplina do turismo e às ciências humanas e sociais aplicadas como um todo.

Na verdade, o turismo consiste em disciplina pautada na interdisciplinaridade e, nesse aspecto, concordamos com Marília Steinberger (2009) quando sublinhou a segmentação do turismo e seu esfacelamento enquanto área do conhecimento, devido a suas múltiplas dimensões. A pesquisadora demonstra que o turismo se torna antes de tudo um uso do território, compreendendo a área emissora, o território de deslocamento dos fluxos e a área receptora.

Devido à coexistência de usos que o território da cidade oferece, torna-se mister compreender os impactos do turismo, entendido como um dos usos da cidade, que transforma a cidade e o espaço urbano, provocando mudanças sociais,

econômicas e ecológicas. Nesse sentido o turismo reinventaria e criaria novas funções, recriando, também, novas identidades. Mudanças que não atingem somente a efeitos localizados, nem a atores específicos: “espalha-se por todo o seu território e envolve todos os atores.

Dentre esses estão aqueles que têm um enraizamento territorial permanente, como moradores, empresários e governos locais, mas também os de enraizamento transitório” (p. 53), costurando novas relações de poder e a uma memória topográfica (Cf. BOLLE, 2000).

Ora, se é oportuno tecer análises sobre os usos da cidade, destacando relações de poder, lembranças e silenciamentos em torno da gestão turística, o desenvolvimento de estudos mais aprofundados sobre o campo turístico adquire centralidade quando observamos em algumas obras de turismo uma carência de fundamentação teórica e certa superficialidade de opiniões. Muitas das vezes a literatura do turismo se torna descritiva e voltada para a administração e gerenciamento, esquecendo de utilizar a multidisciplinaridade inerente a disciplina como forma de compreender e explicar suas múltiplas dimensões: “perceber o turismo como um elo comum de várias disciplinas, o que se pode ser realizado a partir de um exercício que tome como ponto de partida a aceitação das suas múltiplas dimensões e o fato de ser uma área do conhecimento nova” (STEINBERGER, 2009, p. 32).

Por essa razão, torna-se necessário o estímulo de trabalhos enfocando o turismo, a construção de esquemas conceituais investigando questões atinentes à disciplina e a apropriação de definições teórico-metodológicas de outras áreas do conhecimento com vistas a iluminar temas como o turismo sexual. Temática de relevância científica e social que ainda foi pouco estudada, especialmente pelos turismólogos.

No caso do “turismo sexual” no Brasil, as poucas pesquisas existentes se concentram nas metrópoles e nas cidades litorâneas, esquecendo, muitas das vezes, de observar as especificidades das pequenas cidades turísticas no interior do país. Tal indício possibilita suscitarmos os mecanismos de controle que a própria sociedade estabelece para que a temática não se torne explícita, em uma dupla operação: ao mesmo tempo em que o turismo movimenta a economia da cidade, ele também pode contribuir para que ela seja rotulada e estigmatizada, pois isso o turismo sexual se torna uma prática velada.

Questão que remete às lições de Michel Foucault (2007) quando afirmou que a produção dos discursos é ao mesmo tempo organizada, controlada e redistribuída por procedimentos que conjugam poderes e perigos. Em nossa sociedade um desses procedimentos seria a exclusão, manifesta através de uma série de interdições:

Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar. Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política como se o discurso (...) fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais terríveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder (FOUCAULT, 2007, p. 9-10).

Desse modo, existiriam procedimentos de controle dos discursos que determinam condições e regras de funcionamento, não permitindo que eles sejam acessíveis a todos. Para Foucault (2006), ninguém integra a ordem do discurso se não for qualificado para fazê-lo e nem todas as suas regiões são penetráveis, sendo, algumas, altamente proibidas como a da sexualidade: “o discurso sobre o sexo, já há três séculos, tem-se multiplicado em vez de rarefeito; e que, se trouxe consigo interdições e proibições, ele garantiu mais fundamentalmente a solidificação e a implantação de todo um despropósito sexual”. Todavia, “tudo isso parece ter desempenhado, essencialmente, um papel de proibição.

De tanto falar nele e descobri-lo reduzido, classificado e especificado, justamente lá onde o inseriram procurar-se-ia, no fundo, mascarar o sexo” (p. 61). É justamente por esse controle dos discursos sobre a sexualidade que acreditamos ser o turismo sexual uma atividade muitas vezes marginalizada pelos gestores públicos e pela Academia. No caso dos cursos de turismo, Arim do Bem (2005) destacou que isso se torna evidente quando analisamos o caráter tecno-economicista dos currículos dos cursos de graduação, especialmente com enfoques voltados para o mercado e ao desenvolvimento de uma visão estritamente técnica.

Desse modo, uma das questões destacadas pelo autor é a ausência de profissionais capazes de instituir um adequado planejamento turístico e de encarar a temática do “turismo sexual”, não somente como um possível caminho lucrativo,

mas articulando suas questões éticas, sociais e culturais: “o melhor exemplo é o próprio turismo sexual, que, não sendo objeto do planejamento, e, portanto, não devendo estar inscrito no espaço sociocultural como prática, foge completamente à gestão tecnocentrada dos gestores. O turismo sexual escapa dos planejadores turísticos” e, dessa forma, o planejamento turístico como é aplicado atualmente também “contribui, embora silenciosamente, para que o turismo sexual se reproduza e se utilize – ironicamente – da mesma infraestrutura por ele criada” (p. 96-97).

Esta é mais uma razão da importância desse empreendimento acadêmico, estimular os alunos do curso de turismo a problematizar o próprio gerenciamento e planejamento turístico, explicitando questões humanísticas e a importância da pesquisa social, ouvindo os agentes integrantes do campo de produção simbólico que é o turismo e em que brevemente estarão mergulhados.

No mesmo sentido, nosso intuito é superar os juízos de valor reducionistas comumente encontrados quando a temática se coloca na ordem do dia, destacando a complexidade do que se convencionou designar de “turismo sexual”, tecendo tipologias de práticas, motivações e representações. Conforme sublinhou Adriana Piscitelli (2011), as pesquisas realizadas nos últimos anos têm oferecido elementos que tornam mais complexas as discussões sobre “turismo sexual”:

A crescente atenção concedida ao turismo sexual protagonizado por pessoas que gostam de fazer sexo com outras do mesmo sexo possibilita perceber que o interesse suscitado pelo turismo heterossexual incidiu em que diversas modalidades de turismo sexual homossexual foram negligenciadas. O tipo de turismo que tem lugar em diversos países da África e do Caribe, no qual as mulheres do Primeiro Mundo à procura de sexo superam em muito os homens, é contraposto a idéia generalizada de que o turismo sexual envolve homens do Primeiro Mundo, geralmente velhos, viajando aos países em desenvolvimento à procura de prazeres sexuais não disponíveis, pelo menos pelo mesmo preço, em seus países. E um dos pontos a serem destacados é que, prestando atenção tanto às percepções dos consumidores como as daquelas/es que oferecem serviços sexuais e às dinâmicas de poder perpassando esses relacionamentos, esses estudos contestam a adequação da utilização da idéia de prostituição, concebida em termos de serviços sexuais remunerados, indiscriminados e emocionalmente neutros, para pensar nas relações que surgem dos encontros sexuais entre turistas (homens ou mulheres) e locais e contestam também a percepção monolítica de subordinação de pessoas que oferecem serviços sexuais nesses contextos (PISCITELLI, 2011, p. 7).

Nesse aspecto, concordamos com Adriana Piscitelli (2011) quando elencou algumas abordagens para refletir sobre a diversidade de modalidades conhecidas desse tipo de turismo destacando desde a idéia de prostituição, com serviços “neutros”, até envolvimento emocional que podem se ampliar e tornarem-se duradouras, com ou sem interesse econômico.

Conforme salientaram Ana Silva e Thaddeus Blanchette (2005), alguns estudos sobre a relação entre turismo e sexo tendem a utilizar termos de denúncia e acusação como se fossem categorias analíticas, especialmente construindo a figura do “turista sexual” como um agente privilegiado na transformação das mulheres em vítimas do tráfico internacional das mulheres, visão que desconsidera essas mulheres como agentes ativas e não contempla as múltiplas facetas do turismo sexual, ocultando a compreensão do funcionamento das relações que constituem os nexos dessa prática, para além da equação reducionista vítima/vitimizador.

Posicionamento que dialoga com o de Margarida Barretto (2005) quando destacou que o turismo como fenômeno social congrega uma série de diversidades e, nesse aspecto, o turismo sexual, assunto considerado por ela como delicado e polêmico, deve escapar dos discursos moralistas e falas despolitizantes. Em suas análises sugere que o turismo sexual, ao mobilizar os elementos fundamentais do sistema turístico – infraestrutura, equipamentos turísticos e atrativos – trouxe novas problemáticas à atividade turística, forçando passagem e superando concepções simplificadoras, a exemplo das que consideravam a prática do sexo por parte dos turistas como apêndice da prostituição ou a ações das classes tidas como subalternas.

Nessa ordem de ideias, concorda que muitas vezes a prostituição e o “turismo sexual” estão relacionados à falta de oportunidades e alicerçadas na pobreza, tornando-se alternativa menos opressora que outras formas de prestações de serviços. Todavia destaca outras possibilidades:

Há muitos que praticam o turismo sexual como uma atividade extra nos finais de semana, ganhando mais do que no mês inteiro de trabalho, passando bons momentos, frequentando restaurantes que de outra forma não poderiam frequentar, realizando passeios e sendo tratadas pelos estrangeiros como ‘namoradas ocasionais’ e não como prostitutas. Existe também, na atualidade, algo que remete à época das cortesãs, um tipo de prostituição da classe média-alta, exercido por estudantes universitárias e/ou profissionais liberais que gostam de praticar sexo descompromissado, em ambientes sofisticados, que declaram ganhar em um fim de semana o que ganham em um mês no

exercício de sua atividade profissional, com a perspectiva de, em poucos anos, juntar dinheiro suficiente para viver de boas rendas de forma confortável. E existe ainda um turismo sexual não relacionado com a retribuição pecuniária, que não configura prostituição, que constitui apenas o exercício da liberdade sexual (BARRETO, 2005, p. 10-11).

Segundo Ana Silva e Thaddeus Blanchette (2005) existem inúmeros discursos sobre o “turismo sexual” no Brasil. Nos produzidos por órgãos do governo brasileiro é comum observá-lo como sinônimo de abuso de menores e/ou vinculado a extradição de mulheres para trabalhos como prostitutas. Destacam que no plano do senso comum, a prática é concebida como comportamento normativo de turistas estrangeiros que frequentam as cidades costeiras brasileiras.

Outra visão que destacam é a oferecida pela Organização Mundial do Trabalho que descreve como viagens organizadas que se pautam nas estruturas da indústria do turismo com os fins de facilitarem o comércio sexual entre turistas e nativos. Quem também oferece problematizações elucidativas com relação ao conceito é Cassiana Panissa Gabrielli (2011). Para a pesquisadora, o “turismo sexual” consiste em uma das diversas atividades desprestigiosas que se articulam ao desenvolvimento do turismo sem planejamento adequado. Modalidade esta que não é ilegal se praticada com pessoas que já atingiram a maioridade, mas vinculada pelo senso comum ao rol de práticas vis ao entremear atividades desprezadas como a prostituição:

Por isso, apesar de utilizarmos a denominação *turismo sexual*, sabemos que nenhuma localidade, ao menos oficialmente, tem seu planejamento voltado para esse “tipo” de turismo e, assim como a identidade social não pode ser lida como singular, as motivações pessoais para a prática turística também não podem ser enquadradas em uma ou outra modalidade turística. O uso dessa terminologia se deve, exclusivamente, ao interesse em dialogar sobre tal questão, utilizando uma nomenclatura já estabelecida e amplamente conhecida. (GABRIELLI, 2011, p. 144)

Nesse sentido, podemos conceber o “turismo sexual” como uma prática subterrânea que revela conflitos e competições entre memórias concorrentes. Transmitida oralmente, torna-se lembrança dissidente e confinada ao silêncio. Aproximando das interpretações de Michel Polak (1989), visualizamos o turismo sexual como um não dito. Ação proibida, indizível ou vergonhosa, é guardada em estruturas de comunicação informais e por isso, muitas vezes, passa despercebida

da sociedade englobante. Todavia, compete apresentarmos alguns de seus contornos visando captar sua dinâmica simbólica a partir das estratégias de alguns agentes que integram o *trade* turístico em Goiás. Percorramos os subterrâneos.

Economia simbólica e turismo sexual

As análises de Pierre Bourdieu em *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos* (2002) e em *A economia das trocas simbólicas* (2007) constituirão o ponto de partida para esboçarmos algumas feições contemporâneas do encontro entre economia e cultura, especialmente a economia simbólica em que estão inscritos o campo do turismo e as práticas sexuais contemporâneas. A investigação das formas de mobilização dos sentidos a partir de instâncias de produção, circulação e consagração contribui para a visualização dos bastidores e cenas de um amplo empreendimento de alquimia social tecido pelos agentes envolvidos no campo de produção e circulação. É por isso que Bourdieu examina o conluio objetivo dos interesses produzido pelos agentes nos circuitos de criação e circulação que, inseparavelmente, confere legitimidade a determinados bens ou pessoas e cria “consumidores *convertidos*, dispostos a abordá-los como tais e pagar o preço, material ou simbólico, necessário para deles se apropriarem” (BOURDIEU, 2002, p. 169). Daí a importância de examinar a constituição de um capital simbólico de legitimidade, conferido de acordo com as posições ocupadas no espaço de produção simbólico, e os mecanismos de transferência desse capital para objetos e/ou pessoas. Capital que pode oportunizar ciclos de consagração cada vez mais duradouros e possibilitar a determinados agentes a apropriação de uma parcela do produto do trabalho de consagração que não é apenas “um *indício* de uma posição na distribuição do capital específico, mas representa concretamente a parcela do lucro simbólico (e, correlativamente, material) que eles estão em condições de obter da produção do campo em seu conjunto” (p. 171). Desse modo, é necessário visualizar a lógica mercantil dos usos, ou seja, as disposições de fazer, de ser e de se expressar em virtude das possibilidades de escolha, acesso e utilização dos bens inseridos no mercado constituído monetariamente, o que é indissociável da atividade turística.

Conforme ensina Zygmunt Bauman (2007), é sabido que os seres humanos são e sempre foram consumidores e, por isso mesmo, essa preocupação com o consumo não constitui novidade. Todavia, o consumismo contemporâneo adquiriria

feições próprias por se instituir no ambiente de uma sociedade de consumidores: sociedade que interpela seus membros basicamente ou exclusivamente como consumidores e que os julga e avalia por suas capacidades e condutas relacionadas ao consumo. Seguindo essas reflexões, Edson Farias (2010) destaca que o termo *consumo* consegue sintetizar um amplo rol de atividades cujas finalidades podem ser utilitárias, a exemplo das maneiras de comer ou vestir, ou gestos frutivos, como apreciar uma obra artística. É por isso que a entende como uma síntese discursiva de processos, relações e estruturas sociais de abrangente envergadura que envolve o que a princípio seria disjuntivo, como cultura e natureza, economia e simbólico. Ao realizar uma revisão das tendências de estudo dos objetos inscritos nas práticas consumeristas, destaca que alguns intérpretes privilegiam a análise das disputas pelo reconhecimento como estratégias de hierarquização entre pessoas e grupos; outros, o exame das condutas enquanto valores normatizados socialmente e compartilhados; os que investigam as atitudes e desempenhos consumeristas; além dos que focam no estudo das estratégias acionadas no acesso e uso dos bens, ou seja, uma etnografia dos rituais dos gostos e da economia dos gestos que geram disposições incorporadas que ao mesmo tempo classificam e distinguem. Inventaria, assim, uma diversidade de enfoques teórico-metodológicos para a compreensão da lógica do consumo, destacando sua centralidade nas práticas contemporâneas por convergir aspectos socialmente significativos (econômicos, psicológicos, fisiológicos, estéticos, políticos, culturais, entre outros).

É ilustrativo, nesse aspecto, o entendimento de Mary Douglas quando afirma que a cultura se materializa nas escolhas e nas apropriações dos objetos e que estes atuam como “pontes ou cercas”, isso porque o uso dos bens inclui ou exclui permanentemente os indivíduos, acomodando a sociedade em diferentes grupos. A fruição dos bens no entendimento de Douglas e Isherwood (2004) extrapola o consumo físico, se associando ao papel de “marcador” de como os bens são consumidos e manejados pelos diferentes segmentos sociais, ou seja, como os bens dão sentido à vida transformando-se em uma atividade ritual contemporânea já que estabilizam significações, reforçam laços e demarcam relações. Entendem que a função essencial do consumo seria a sua capacidade para dar sentido: “Duvidemos da idéia da irracionalidade do consumidor. Duvidemos de que as mercadorias servem para comer, vestir-se e se proteger. Duvidemos de sua utilidade e tentemos colocar em troca a idéia de que as mercadorias servem para pensar” (p. 77).

O consumo é entendido como um fenômeno central para a análise de relações sociais e sistemas simbólicos, complexo de rituais de estabelecimento e manutenção de interações cuja participação (ou exclusão) diz respeito a estar incluído em maior ou menor grau em um conjunto de relações sociais. Enquanto categorias de classificação, as mercadorias se tornam elo entre os indivíduos que as possuem ou compartilham da mesma classificação criando, dessa forma, uma identidade. Nesse aspecto, entendido como um sistema de significação, mais do que necessidades materiais, o consumo supre necessidades simbólicas. A economia simbólica diz respeito então “ao modelo de gestão, produção, distribuição e acesso/consumo dos meios de satisfação de carências por diferentes unidades sociais subordinado ao imperativo de geração, processamento e aplicabilidade da informação proveniente do conhecimento” (FARIAS, 2007, p. 2).

Para além das trocas mediadas pelo valor monetário, o que nos interessa é a rede de estímulos e afetos que tal economia de símbolos propicia, evidenciando de que modo a economia do turismo facilita articular emoção e interesse econômico, sentimentos e mudança social. Do mesmo modo, visualizar um conjunto de ações realizado nos bastidores do campo turístico oficial que, na maioria dos casos, desconhece ou produz a crença da inexistência dessa prática no espaço de possíveis expressivos.

“Existe, mas é bem disfarçado”: aspectos do turismo sexual em Goiás

Diversos são os trabalhos já realizados sobre o campo turístico da cidade de Goiás, antiga capital do Estado de Goiás, reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Mundial em 2001 por aliar uma arquitetura vernacular excepcional, reconhecidos bens culturais imateriais e patrimônio natural preservado. Dentre estes, podemos destacar as pesquisas de Sara Poletto (2003) que investiga as representações dos moradores de Goiás sobre os turistas; de Izabela Tamasso (2007) sobre a constituição e os conflitos em torno do campo patrimonial e as apropriações e representações da cultura na cidade; de Suellen Fernandes (2009) sobre o turismo histórico-ecológico naquela localidade; de Gisélia Carvalho (2011) sobre turismo e geração de emprego e renda em Goiás. Todavia, dentre os trabalhos relativos ao campo do turismo na cidade de Goiás, a questão do “turismo sexual” ainda não foi suscitada, seja por falta de interesse ou devido ao eficaz processo de fabricação de sua invisibilidade em meio

às tramas da economia simbólica.

De acordo com o Plano Municipal de Desenvolvimento Turístico da cidade de Goiás, elaborado em 2011, que apresenta um diagnóstico, aponta diretrizes e propõe programas, a rede hoteleira da cidade é bem distribuída geograficamente e oferece um pequeno número de facilidades, sendo composta de 1.006 leitos. O plano também destaca que o destino oferece 26 estabelecimentos de alimentação, sete museus e espaços culturais, um centro de atendimento ao turismo, uma agência de viagem, além de diversos atrativos culturais, naturais e produções associadas ao turismo. A leitura do plano possibilita verificarmos que, embora ainda longe do esperado por aqueles que mobilizam a economia do turismo, a cidade possui um *trade* turístico com relativa funcionalidade. Nesse sentido, vislumbrando oferecer subsídios para uma reflexão inicial a respeito do turismo sexual e da economia de símbolos por ele acionada, optamos inicialmente por escutar dos agentes que trabalham diretamente com os turistas naquela localidade suas impressões a respeito da aproximação entre turismo e sexo. O intuito inicial foi verificar a existência do “turismo sexual” na cidade de Goiás, as estratégias empreendidas pelos agentes e, sobretudo, em que medida tal ação conquistava convívio de alguns gestores e funcionários de serviços turísticos. A hipótese, que foi comprovada, era que certos agentes informariam contatos e explicitariam detalhes do modo como turistas e moradores locais se relacionavam tendo como mediadores a infraestrutura turística.

Desse modo, como alternativa para que essa memória subterrânea viesse à tona, optamos por manter o anonimato dos informantes, não explicitando informações que porventura pudessem lhe identificar. Para tanto, utilizamos o método cadeira de informantes ou bola de neve, ou seja, os entrevistados foram selecionados a partir da indicação sucessiva de outros entrevistados, o que demonstrou a existência de uma rede entre muitos dos trabalhadores da área, muitos recebendo porcentagens por indicações, articulações e silenciamentos. Outra estratégia consistiu na realização de entrevistas semiabertas com esses agentes e a realização de etnografias em hotéis, pousadas e restaurantes durante períodos de alta temporada e em eventos considerados tradicionais por reunirem um maior número de pessoas o que, a priori, contribuiria por evidenciar tal prática.

O primeiro entrevistado trabalha a alguns anos no campo turístico da cidade de Goiás, tendo desenvolvido diferentes funções no *trade* turístico local o que possibilitou-nos informações a respeito de outros informantes. As primeiras questões

a ele direcionadas disseram respeito ao fluxo turístico, a origem dos turistas e as principais motivações. Dentre elas, o entrevistado destacou a existência do turismo sexual: “quando em períodos de eventos aparecia bastante oferta, desde deixar cartõezinhos, deixar telefone e a procura não é só basicamente em eventos, ele é sempre há procura, mas a oferta ainda é pequena na cidade. Agora durante os eventos essas garotas e garotos vêm para a cidade, à maioria é de fora”. Questionado a respeito do modo como o turista recebe a informação, respondeu que na maioria dos casos é o próprio turista que procura os funcionários dos hotéis, pousadas e restaurantes: “Bom é geralmente a procura ela acontece até de forma de brincadeira, o turista chega e pergunta onde que encontra uma boate e tal e se tem o famoso book, os cartõezinhos... Se houver procura a gente passa o cartão para o hóspede”.

O informante destaca algo que acreditamos ser significativo quando sublinha dentro das práticas do turismo sexual em Goiás aqueles moradores que se relacionam com turistas em troca de benefícios simbólicos: “É mais comum do que se imagina. Conhecem os turistas fora e pelo que parece o pagamento não é em dinheiro, também não é somente dormir em um bom hotel, comer em um bom restaurante, mas ter afeto, mesmo que seja por poucos dias”. Dialoga, assim, com uma apreciação mais abrangente ao considerar o turismo sexual como experiência de deslocamento pautado em experiências sexuais com a população local em torça de recompensas materiais e/ou imateriais:

Essa argumentação abarca os turistas que não viajam com a intenção primordial de ter relações sexuais, mas que as consideram fundamentais para a satisfação na viagem, como também aqueles que não pagam diretamente por serviços sexuais, mas deles acabam usufruindo através de trocas, que podem envolver diferentes formas de pagamento, que não, explicitamente, dinheiro. Desse modo, pretende-se esclarecer que o turismo sexual é entendido, aqui, como a prática de viagens que envolve relacionamentos sexuais pautados em diferenças socioculturais (em especial, pelo viés articulado às relações sociais de gênero e raça/etnia), aliados a recompensas materiais e/ou imateriais. É válido salientar que, mais do que dinheiro e/ou presentes, muitas vezes, os interesses de uma parcela da população autóctone no envolvimento com turistas giram em torno de acesso a lugares que ela habitualmente não frequenta seja por conta dos altos custos, seja por conta do preconceito da sociedade. Além disso, a possibilidade de ascensão social, em especial, aquela atrelada à oportunidade de migração, em caso de um relacionamento mais duradouro, é outra componente de destaque (GABRIELLI, 2011, p. 145-146)

Questões também destacadas pelo segundo entrevistado que, além de ratificar as informações apontadas pelo informante anterior, avançam em outros detalhes. Há anos integrante do *trade* turístico de Goiás, destaca que o “turismo sexual” é realizado por mulheres e também por homens que se relacionam com turistas: “À noite eles vão ali para a Praça do Coreto é a onde o bicho pega, meninas do colégio, alunas de faculdade, que é a questão da cidade ser uma cidade turística. Só que essa prática aqui é meio escondida, moça nenhuma vai assumir que faz”. Perguntado sobre como se desenvolve a prática informou-nos:

Aqui em Goiás tinha uma época que tinha umas meninas, elas eram chamadas de ‘cartão postal da cidade’. Não podia chegar um turista, principalmente de carrão que elas estavam ali na praça e por ali entrava e saía e os caras ficavam falando, ai fala o nome delas pra todo mundo ai fora, quando vinham pra Goiás outros já vinham até com indicação. Iam para hotel, davam um extra para o funcionário. (...)Sem falar aqueles vêm de Goiânia, de outra cidade, e já trazem o produto de fora, já trazem os garotos e garotas para cá, isso aumenta mais ainda, cada dia que passa aumenta. (...)Aqui nós temos, eu sei de lugar aqui que tem telefone de mulheres. Não é igual Goiânia ou outras cidades que já tem um catálogo com fotos não. Por exemplo, se você quer praticar, você faz o cartão, vai e entrega ou então você deixa seu telefone discretamente, porque Goiás ainda é uma cidade bem preconceituosa, de moral, de bom costume entre aspas. Então aqui dentro da cidade existe, mas é bem disfarçado. Seja pessoas que cobram dinheiro para aventuras sexuais ou que querem apenas ser namorados de aluguel por alguns dias, para receber carinho, presentes, frequentar lugares que no cotidiano não teriam condições por questões financeiras. Ainda existem outros que veem o turista como uma oportunidade de mudar de vida, de sair daqui, encontrar um casamento, enfim, uma visão romântica.

Outro entrevistado que trabalha na área de eventos na cidade informa que embora ainda seja em pequena escala, à exceção dos grandes eventos, existe muita procura pelo “turismo sexual” na cidade: “Às vezes a gente finge que não sabe, muitas vezes é tentador os caras procura, procura, insiste e você dá orientação, indica que tal local tem uma casa assim, um bar que tem garotas que trabalham nesse ramo, aqui na cidade deve ter umas seis ou sete casas com isso”. Também destaca que é comum na cidade mulheres e homens pernoitarem com turistas, andarem como “namorados”, muitas vezes em busca de um relacionamento sério. Questões que dialogam com as informações obtidas com nosso quarto entrevistado que trabalhava durante um grande evento na cidade: “O turismo sexual é a venda do corpo por dinheiro ou o uso do corpo em troca de algo não exatamente dinheiro. Não sei dizer

se essas pessoas que fazem isso são, podem ser consideradas profissionais da área, mas isso é fato, isso existe”.

Na verdade, este informante sublinha duas questões fundamentais apresentadas pelos pesquisadores da área. A primeira questão diz respeito à própria categoria. Segundo Adriana Piscitelli (2007), o termo "turismo sexual", amplamente utilizado na produção acadêmica, tem sido questionado devido seu conteúdo não estar delimitado de um modo claro. Todavia, sublinha que pesquisas realizadas em diversas partes do mundo problematizaram essa problemática, demonstrando que não pode ser reduzida à prostituição e que não envolve apenas homens e heterossexuais. Da mesma forma, destacam que também diz respeito a viajantes que se integram no turismo doméstico e que essas viagens envolvem também mulheres, hetero e homossexuais. A pesquisadora conclui que a falta de clareza no conteúdo do termo está conduzindo os acadêmicos a abandoná-lo, mas que “a expressão ‘turismo sexual’ já foi incorporada no debate público. Tornou-se uma categoria nativa, amplamente utilizada por organizações governamentais e não governamentais e pela mídia. Esses são os motivos pelos quais utilizo o termo entre aspas” (p. 718).

A segunda questão está relacionada à questão da profissionalização do prazer, problematizando o que é necessário para que tais agentes sejam considerados amadores ou profissionais. Autores como Rogério Benedito (2006) classificam como a principal característica dos amadores a opção de escolha dos parceiros, os profissionais pela indiscriminação na escolha de clientes e por não terem outra forma de sustento e os semiprofissionais aqueles que têm outro trabalho. Todavia, no caso desta primeira pesquisa o intuito foi explicitar as possibilidades encontradas na aproximação entre turismo e sexo, para além da profissionalização, visto que quaisquer das classificações mobilizam a economia das trocas simbólicas.

Considerações Finais

Ao investigar as interfaces da cultura e da economia de símbolos e espaços no circuito das festas populares brasileiras, Edson Farias (2005) examina de que forma o lazer e o entretenimento interferem no plano das expressões e dos valores, resinificando domínios de memórias. Nesse aspecto, avalia como os remanejamentos simbólicos são fundamentais à dinâmica dos bens de diversão ao atrelarem a rentabilidade do capital a afetos, estimas e estilos de vida. Ocorreria uma redefinição

das disposições de expressão que ajustaria determinadas atividades e expressões com a acumulação do capital focando no comércio de informação. Segundo o autor, a modernização capitalista no Brasil permitiu a inserção de meios mecânicos que reproduzem a audiolidade e a visualidade, consolidando um parque industrial da cultura e, inseparavelmente, a emergência e o aprofundamento de um mercado do simbólico. Em outras palavras, torna-se importante compreender o engate da oferta de bens afetivo-identitários com as demandas mercantis iniciado com o processo de modernização cultural brasileiro. Visando apreender as condições de possibilidade de uma economia simbólica no País, Farias investigou a evolução da sistemática turística e a correlação da diversão com as atividades empresariais favorecendo a propagação do que ele considera como um *ethos* profissional entre produtores, administradores e mediadores de bens simbólicos:

A economia simbólica se define pela característica mútua que passa a articular ócio e negócio. (...) A idéia da economia de símbolos e espaços igualmente exorta a admitir a atuação de determinada educação dos sentidos agindo sobre o enquadramento das percepções e estimas em homologia com a categorização dos espaços e seus móveis ajustados aos valores da sociedade de consumidores e ao modo, aí, de atendimento de demandas pelo reconhecimento de estimas de pessoas e grupos. A correlação favorece o desenvolvimento do entretenimento, no instante em que as sociabilidades comprometidas com a estrutura de sentimentos gerada dão primazia ao *ethos* da distração e, ainda, encontram respaldo na divisão do trabalho e das funções monitorada pela auto regulação do capital, no ápice de sua dimensão especulativa e da modalização flexível dos modos de aquisição ampliada da riqueza (...) girando em torno da legitimidade subjacente ao consumo cultural sob o invólucro da atmosfera do lazer. (...) A Economia de símbolos e espaços diz respeito, logo, à maneira tal qual na sociedade de consumidores o entretenimento se define como um mecanismo de consagração e instância de legitimidade das práticas culturais (FARIAS, 2005, p. 667 e 675).

Seguindo essas interpretações é possível supor que o entretenimento tem sido decisivo nas últimas décadas para o remanejamento de posturas e sensibilidades e para a constituição de referências identitárias distinguindo, assim, “agências, estratégias de comunicação e coalescências intra e intersociais, conformando uma dinâmica de estilização” (p. 679). O surgimento desse *ethos* profissional entre os agentes do campo turístico na recriação de símbolos, exclusão e inclusão de memórias e consagração de objetos e pessoas, estimulou nosso interesse pela dinâmica da economia simbólica brasileira nos últimos anos. Aqui nos interessa

compreender como o turismo sexual na cidade de Goiás dialoga com essa realidade a partir de etnografias em três eventos representativos do calendário oficial do turismo em Goiás e que por sua vez adquirem projeção nacional/internacional: o Carnaval, a Semana Santa e o Festival de Cinema e Vídeo Ambiental. Nesse caso, ocorre o consumo de uma experiência, de emoções, de prazer. A esse fato soma-se a crescente exposição na mídia, nas estatísticas jurídicas e nas pesquisas acadêmicas sobre o tráfico internacional de mulheres e sobre o turismo sexual desenvolvido prioritariamente com mulheres goianas. Quando se trata dos destinos turísticos no interior de Goiás ainda muito pouco foi suscitado sobre a temática. No ano de 2005, Hebert Régis destacou que a cidade de Aruanã, havia se tornado uma das principais rotas de turismo sexual do estado, embora o foco da reportagem, com entrevistas de representantes do Ministério Público, de ONG's e da Igreja Católica local, tivesse sido o abuso sexual de crianças e adolescentes. Nesse aspecto, a originalidade da pesquisa extrapola a adoção temática da prática do "turismo sexual" na cidade de Goiás já que ainda não foi estudada em âmbito acadêmico. Acreditamos que tais aproximações contribuirão para que a área do turismo possa melhor problematizar a temática do "turismo sexual", escavando-a da memória subterrânea, e, nesse primeiro momento, focando nas ações realizadas por alguns integrantes do *trade* turístico local, reveladoras de estratégias, não-ditos e de uma economia de símbolos.

REFERÊNCIAS

BARRETTO, MARGARIDA. Prefácio. In: BEM, Arim Soares do. ***A dialética do turismo sexual***. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. ***Vida líquida***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BEM, ARIM SOARES do. ***A dialética do turismo sexual***. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

BENEDITO, ROGÉRIO. ***Prostituição: uma realidade e muitas verdades presentes no mito da vida fácil***. 2006. Disponível em: <http://amigonerd.net/trabalho/31219-prostituicao-uma-realidade-e-muitas>. Acesso em 20 de jun. 2016.

BOLLE, WILLI. ***Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin***. 2. Ed. São Paulo: Edusp, 2000.

BOURDIEU, PIERRE. ***A economia das trocas simbólicas***. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, PIERRE. ***A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos***. São Paulo: Zouk, 2002.

CARVALHO, GISÉLIA LIMA. **Turismo e geração de empregos formais: um estudo sobre os municípios indutores do turismo do estado de Goiás.** *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 31, 2011.

DOUGLAS, MARY; ISHERWOOD, BARON. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004.

FARIAS, EDSON. **Cultura popular e economia simbólica no Brasil.** *III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, Salvador, 2007.

FARIAS, EDSON. **Economia e cultura no circuito das festas populares brasileiras.** *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 20, n. ° 3, set/dez 2005.

FERNANDES, SUELLEN WALACE RODRIGUES. **Turismo histórico-ecológico na cidade de Goiás.** In: STEINBERGER, Marília (Org.). *Territórios turísticos no Brasil Central*. Brasília: LGE Editora, 2009.

FOUCAULT, MICHEL. **A ordem do discurso.** 15 ed. São Paulo: Loyola, 2007.

FOUCAULT, MICHEL. **História da sexualidade I: a vontade de saber.** 17 ed. São Paulo: Graal, 2006.

GABRIELLI, CASSIANA PANISSA. **Intersecções entre o mercado turístico e o mercado do sexo em Salvador, Bahia, Brasil.** *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 2011.

MELO, MÔNICA de; MASSULA, LETÍCIA. **Tráfico de mulheres, prevenção, punição e proteção.** Brasília. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_58/artigos/Art_Monica.htm. Acesso em 23 abr. 2016.

OURIQUES, HELTON RICARDO. **A produção do turismo: fetichismo e dependência.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

PISCITELLI, ADRIANA. **Estigma e trabalho sexual: comentários a partir de leituras sobre turismo sexual.** Disponível em:
<http://www.ciudadaniasexual.org/reunion/M4%20Piscitelli.pdf>. Acesso em 23 abr. 2016.

PISCITELLI, ADRIANA. **Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do “turismo sexual” internacional.** *Estudos Feministas*, Florianópolis, set/dez, 2007.

POLLAK, MICHEL. **Memória, esquecimento, silêncio.** *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, 1989.

POLLETO, SARA ARAÚJO. **Esboço de um personagem fugaz: o turista sob o olhar dos moradores da Cidade de Goiás - Patrimônio da Humanidade.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de Brasília, 2003.

SILVA, ANA PAULA da; BLANCHETTE, THADDEUS. **“Nossa Senhora da Help”: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana.** *Cadernos Pagu*, UNICAMP, julho dezembro, 2005.

SILVEIRA, EMERSON SENA da. **Por uma sociologia do turismo.** Porto Alegre: Zouk, 2007.

STEINBERGER, MARÍLIA. **Turismo, território usado e cidade: uma discussão pré-teórica.** In: STEINBERGER, MARÍLIA (Org.). *Territórios turísticos no Brasil Central*. Brasília:

LGE Editora, 2009.

TAMASO, IZABELA MARIA. ***Em nome do patrimônio: representações e apropriações da cultura na cidade de Goiás.*** Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade de Brasília, 2007.